

Pelotas e a Revolução Farroupilha: O papel de Domingos José de Almeida

GIORDANI, Laura¹; LEAL, Elisabete²

¹UFPel - ICH, Curso de Licenciatura em História – laurag.roxierocks@gmail.com

²UFPel - ICH, Departamento de História – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas foi o principal centro charqueador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul durante todo o século XIX. A indústria salanderil trouxe riqueza e prosperidade para a cidade, justamente por conta dessa economia gerada pelo charque que há quem diga que Pelotas foi o berço da Revolução Farroupilha. Esse pensamento, presente no senso comum, pode ser posto em dúvida, visto que a cidade mal é citada na produção historiográfica sobre a revolução.

O historiador Spencer Leitman diz em sua obra “Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos” que a política econômica do governo central, que procurava sempre favorecer a indústria cafeeira que estava começando a emergir, não agradava os charqueadores do sul, que sentiam o alto peso dos impostos afetar o lucro de sua produção. Tendo em vista que boa parte dos ricos empreendedores de Pelotas eram charqueadores, classe que iniciou a revolução e bancou o andamento dela, é estranho ver que quando se fala da cidade geralmente é citando que foi nela onde o mineiro Domingos José de Almeida, retratado como uma das principais figuras intelectuais do movimento, estabeleceu sua charqueada.

Este trabalho busca compreender por que dificilmente se encontra o nome de Pelotas na historiografia sobre a Revolução Farroupilha e qual foi o papel de Domingos José de Almeida no conflito. Trata-se de um recorte de uma pesquisa recentemente iniciada e mais ampla que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso.

2. METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, foi utilizada a consulta do jornal político “O Povo” e a consulta de historiografia produzida por pesquisadores da história do Rio Grande do Sul, tais como Sandra Pesavento e Moacyr Flores.

“O Povo” era um jornal com o conteúdo informativo a respeito da política e do militarismo da República rio-grandense, sempre demonstrou apoio à causa farroupilha e minimizava o conteúdo sobre as ações legalistas e as derrotas sofridas pelos revoltosos. Contudo, considereei uma boa fonte para pesquisar uma figura política farroupilha, pois os exemplares bissemanais informativos podem informar se Domingos José de Almeida foi politicamente ativo e se Pelotas era demonstrada como região de interesse.

A pesquisa da historiografia seguiria caminho para analisar a visão que os registros deixaram da cidade e das ações ministeriais de Almeida, permitindo se compreender o que os historiadores absorveram das fontes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como em qualquer conflito, há aqueles que concordam e apoiam a causa e aqueles que discordam de seus ideais, a Revolução Farroupilha não foi exceção. A principal causa do conflito foi o descontentamento da elite charqueadora rio-grandense com a política econômica centralista do Governo Central, que ao ver dos deputados da assembleia provincial, desvalorizava o produto da província e usava o Rio Grande do Sul como “a estalagem do Império”, pois a província “fornecia soldados, cavalos e alimento durante as lutas fronteiriças, que desestabilizavam a economia e não recebia indenização pelos danos sofridos” (Pesavento, 1985). A elite do partido liberal rio-grandense, chamado de “partido farroupilha”, desejava ter mais autonomia política e econômica em sua província, por isso se iniciou a revolta, viam nela uma forma de obrigar o Império a considerar suas reivindicações.

Mesmo com os impostos abusivos sobre o charque, a cidade de Pelotas, principal centro charqueador da província, decidiu em uma sessão da Câmara Municipal, em 1835, que seria contra o levante de 20 de setembro, segundo Mario Osório Magalhães, pois os charqueadores locais viam vantagens em continuar leis ao Império. Houve algumas exceções, sendo a principal delas o caso de Domingos José de Almeida, que sofria com a perda da parte de seus lucros para os impostos.

Domingos José de Almeida foi um idealizador da República Rio-Grandense e participou de sua administração exercendo os cargos de Vice-presidente da República, Ministro do Interior, Ministro da Justiça e Ministro do Tesouro durante todo o decorrer da guerra. Leitman afirma que “o objetivo de Almeida era triplo: arrecadar e redistribuir fundos para o prosseguimento da guerra, orientar politicamente os farrapos e impedir os ambiciosos de fazerem acordos em separado com os legalistas e uruguaios”, também diz que assim como os deputados e charqueadores que lutavam e bancavam a guerra, ele possuía interesse em se utilizar do conflito para expandir sua riqueza, mas afirma que o mineiro foi um cérebro pensante da revolução.

O jornal “O Povo” tinha na grande maioria de suas edições informativos escritos por Almeida ou pedidos feitos por outras autoridades políticas ou gerais. Tal coisa demonstra como Almeida utilizava de seu conhecimento em economia e administração a favor dos farrapos e queria realmente que a República Rio-Grandense se mantivesse firme e prosperasse.

A cidade de Pelotas e sua região foi uma área de interesse de farroupilhas e legalistas durante os anos da revolução, isso se deve “em virtude de sua posição geográfica, próxima da capital, Porto Alegre, e próxima do porto de Rio Grande” (Rosa, 2006). Os farrapos procuravam um ponto para a escoação da produção de charque e couro, além da cidade ser perfeita estrategicamente para atacar Porto Alegre, com isso os legalistas pretendiam manter a cidade para sua justamente impedir os interesses de seus adversários. Em consequência disso, Pelotas parou. Houve um grande êxodo de seus moradores, a Câmara Municipal e as atividades culturais foram interrompidas, juntamente com a produção de charque e couro. Suas atividades, industriais e culturais, retornaram nos últimos anos da guerra, quando o conflito estava em decadência.

4. CONCLUSÕES

Sendo uma área de interesse estratégico importante, Pelotas mal é retratada na historiografia geral da Revolução Farroupilha, sendo aprofundada por historiadores locais da cidade, que mesmo assim não conseguem retratar os

acontecimentos dentro da cidade justamente por ela ter se estagnado em função de ser um alvo constante.

Domingos José de Almeida, apesar de ter demonstrado grande interesse em manter a revolução e o ideal dela, ficou nas sombras dos “grandes homens” farroupilhas, como David Canabarro e Bento Gonçalves. Tal coisa é um possível resultado da influência positivista que, de certa forma, montou o imaginário da Revolução Farroupilha, sempre prestigiando os ditos “heróis militares”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITMAN, S. L. **Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da história do Brasil no século XIX**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ROSA, C. R. **A cidade de Pelotas no Contexto da Revolução Farroupilha (1835-1845)**. 2006. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Curso de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal de Pelotas.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas**. Pelotas: Editora UFPel; Livraria Mundial, 1993.

FLORES, M. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 1985.

FACHEL, J. P. G. **Revolução Farroupilha**. Pelotas: EGUFPEL, 2002.

HARTMANN, I. **Aspectos da Guerra dos Farrapos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.